



# A Santa Sé

---

## **DISCURSO DO PAPA FRANCISCO AOS MEMBROS DA PONTIFÍCIA ACADEMIA PARA A VIDA**

*Sala do Consistório  
Segunda-feira, 12 de fevereiro de 2024*

**[Multimídia]**

---

Saúdo Sua Excelência D. Paglia, Suas Excelências, Sua Eminência e o novo Arcebispo de Santiago do Chile, e agradeço-vos pelo vosso compromisso no campo da investigação das ciências da vida, da saúde e do cuidado; um compromisso que a Pontifícia Academia para a Vida leva em frente há trinta anos.

A questão que abordais nesta Assembleia geral é da máxima importância: ou seja, a do modo como se pode compreender *o que qualifica o ser humano*. Trata-se de uma interrogação antiga e sempre nova, que os surpreendentes recursos possíveis graças às novas tecnologias repropõem de maneira ainda mais complexa. A contribuição dos estudiosos diz-nos sempre que não é possível ser a priori “a favor” ou “contra” as máquinas e as tecnologias, porque esta alternativa, relacionada com a experiência humana, não tem sentido. E, ainda hoje, não é plausível recorrer apenas à distinção entre processos naturais e artificiais, considerando os primeiros como autenticamente humanos e os segundos como alheios ou até contrários ao humano: isto não está certo! Pelo contrário, é preciso *inscrever os saberes científicos e tecnológicos num horizonte de sentido* mais amplo, *impedindo assim a hegemonia tecnocrática* (cf. Carta Encíclica [\*Laudato si'\*](#), 108).

Consideremos, por exemplo, a tentativa de *reproduzir o ser humano com os meios e a lógica da técnica*. Tal abordagem implica a redução do ser humano a um agregado de manifestações reproduzíveis a partir de uma *linguagem digital*, que pretende exprimir todo o tipo de informação através de códigos numéricos. A estreita consonância com a narração bíblica da Torre de Babel (cf. *Gn 11, 1-11*) mostra que o desejo de se dotar de uma *linguagem única* está inscrito na história

da humanidade; e a intervenção de Deus, demasiado apressadamente entendida apenas como uma punição destruidora, contém, pelo contrário, uma bênção intencional. Sim, ela manifesta a tentativa de corrigir a deriva rumo a um “*pensamento único*” através da *multiplicidade das línguas*. Assim, o ser humano confronta-se com o *limite* e a *vulnerabilidade*, é chamado a respeitar a *alteridade* e o *cuidado recíproco*.

Claramente, as capacidades crescentes da ciência e da técnica levam o ser humano a sentir-se *protagonista de um ato criador* semelhante ao divino, que produz a imagem e semelhança da vida humana, incluindo a capacidade de linguagem, de que parecem estar dotadas as “máquinas falantes”. Estaria então no poder do homem infundir espírito na matéria inanimada? A tentação é insidiosa. Por isso, somos convidados a discernir como a *criatividade do homem* confiado a si mesmo pode exercitar-se de modo *responsável*. Trata-se de investir os talentos recebidos, evitando que o ser humano seja desfigurado e que as diferenças constitutivas que ordenam o cosmos sejam anuladas (cf. *Gn 1-3*).

Portanto, a tarefa principal insere-se a nível antropológico e exige o desenvolvimento de *uma cultura que, integrando os recursos da ciência e da técnica, seja capaz de reconhecer e promover o humano* na sua especificidade irrepitível. É necessário averiguar se não é preciso colocar esta especificidade até *a montante da linguagem*, na esfera do *pathos* e das *emoções*, do *desejo* e da *intencionalidade*, que somente o ser humano pode reconhecer, apreciar e transformar *em sentido relacional* a favor dos outros, assistido pela graça do Criador. Portanto uma tarefa cultural, pois a cultura molda e orienta as forças espontâneas da vida e as práticas sociais.

Caros amigos, por mais desafiador que seja o tema que abordais, também o são os dois modos como o pretendeis fazer. Em primeiro lugar, porque vejo em vós um esforço para realizar um *diálogo* efetivo, um *intercâmbio transdisciplinar* naquela forma que a *Veritatis gaudium* descreve «como a colocação e a fermentação de todo o conhecimento no espaço de Luz e Vida oferecido pela Sabedoria que emana da Revelação de Deus» (n. 4c). Aprecio que a vossa reflexão se insira na lógica de um verdadeiro «laboratório cultural, onde a Igreja exerce a interpretação performativa da realidade que brota do acontecimento de Jesus Cristo e se alimenta dos dons da Sabedoria e da Ciência com que o Espírito Santo enriquece [...] o Povo de Deus» (*ibid.*, 3). Por isso, encorajo esta forma de diálogo, e este diálogo permitirá que cada um exponha as próprias considerações enquanto interage com os outros num intercâmbio recíproco. Esta é a forma de ir além da justaposição de conhecimentos, iniciando uma reelaboração do saber através da escuta mútua e da reflexão crítica.

Em segundo lugar, na dinâmica do vosso encontro, vemos um *modo de proceder sinodal*, corretamente adaptado para abordar os temas que estão no centro da missão da Academia. É um estilo de investigação exigente, pois implica atenção e liberdade de espírito, abertura para se aventurar por caminhos inexplorados e desconhecidos, libertando-se de qualquer “retrocedismo” estéril. Para quem está empenhado numa renovação séria e evangélica do pensamento, é

indispensável pôr em causa também as opiniões adquiridas e os pressupostos não examinados criticamente.

Nesta linha, o *cristianismo* sempre ofereceu contribuições importantes, extraído *de cada cultura* em que se inseriu as tradições de sentido que nelas encontrou inscritas: *reinterpretando-as* à luz da relação com o Senhor, que se revela no Evangelho, e utilizando os recursos linguísticos e conceituais presentes em cada contexto. Trata-se de um longo caminho de elaboração, sempre a retomar, que exige um pensamento capaz de abranger várias gerações: como aquele de quem planta árvores, cujos frutos serão comidos pelos filhos, ou o de quem edifica catedrais, que serão completadas pelos netos.

É esta atitude aberta e responsável, dócil ao Espírito que, como o vento, «não sabemos de onde vem nem para onde vai» (*Jo 3, 8*), que quero invocar do Senhor sobre todos vós, desejando-vos um trabalho fecundo e frutuoso. Abençoo-vos de coração! E, por favor, rezai por mim. Obrigado!